

SAUDAÇÃO A RACHEL DE QUEIROZ (*)

Carlos d'Alge

Entendo que a honra com que me distinguiu o Magnífico Reitor desta Universidade, ao designar-me para saudar a escritora Rachel de Queiroz, deve ser repartida com os meus colegas do Centro de Humanidades onde, sem dúvida, há nomes que mereceriam, mais do que eu, essa distinção. Com efeito, se avaliarmos a produção cultural daquela unidade universitária, encontraremos uma publicação regular de periódicos, de teses de mestrado e doutorado, e, notadamente, entre os professores de Letras, uma constante atividade criativa que se transforma em bem acabadas obras de ficção, poesia e crítica literária.

Por outro lado, sem o querer, talvez, o Magnífico Reitor, proporcionou-me uma feliz oportunidade de resgatar um ato de agradecimento que levou exatamente trinta e dois anos para ser cumprido. Explico daqui a pouco.

Perdoe-me o cerimonial desta Reitoria se fujo à norma e perdoe-me a escritora homenageada que compreenderá o meu gesto. É que nestas cerimônias, que restauram velhos hábitos universitários coimbrãos, fazendo-nos, inclusive, vestir estas incômodas becas, numa terra muito tropical, abençoada às vezes por Deus e perseguida pelos demônios da economia, é costume saudar os laureados com um tratamento cerimonioso, como convém à boa retórica, usando o circumspecto pronome vós.

Eu não poderia sentir-me à vontade falando na segunda pessoa do plural, porque não me dirijo apenas à escritora cujos méritos transcendem esta pobre saudação, dirijo-me, sobretudo, à mais

* Por ocasião da outorga do Título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Ceará, em 16.06.1983.

fiel cronista da vida rural e urbana do Nordeste, dirijo-me essencialmente a uma extraordinária figura humana, amiga dos seus amigos.

Minha amiga Rachel de Queiroz:

Acabava eu de ingressar na Faculdade de Direito, e, então ainda não havia sido criada esta Universidade, pelas incansáveis mãos de Antônio Martins Filho, quando deparei, numa livraria, com a edição dos seus *Três Romances* (O Quinze — João Miguel — Caminho de Pedras). Comprei o exemplar e levei-o à nossa comum amiga, a saudosa Alba Frota, para que esta obtivesse o autógrafa da autora. Naquela época, fazíamos um bom grupo de amigos que, em animadas tertúlias, se reuniam na casa de Alba. O seu autógrafa, minha amiga, data de 21 de abril de 1951, e eu o guardo com muito carinho. Depois disso encontramos-nos algumas vezes. Mas o tempo é inexorável e nós somos tragados pelo vendaval dos acontecimentos, e quando damos por isso, passaram-se os anos, amigos nos deixaram, e acaba por restar, em cada um de nós, um travo de saudade, uma lembrança feliz, um sentimento de perda, e acabamos por nos refugiar no nosso pequeno universo.

Talvez a imagem mais perfeita do que eu desejo expressar esteja num trecho quase ao fim do seu admirável *Dôra, Doralina*, romance que remata os seus livros de ficção anteriores, e encerra o ciclo iniciado com *O Quinze*. É quando Dôra, viúva pela segunda vez, retorna à fazenda Soledade, e dá conta da sua situação:

“Ali eu não tinha que lutar com ninguém — ali era meu — e, acima de tudo, eu era dali. Não havia uma folha de mato que me fosse estranha, um bicho, um inseto, um passarinho, um peixe que me fosse estranho — e que me estranhasse. Os velhos caducando eram meus para zelar, aturar e acompanhar na hora da morte. As filhas das cunhãs velhas eram as minhas cunhãs novas. O povo me recebia como se não tivesse havido ausência, emendava um tempo com outro e os anos de separação eram esquecidos”.

Nós, minha amiga, também estamos emendando um tempo com outro, porque, para nós, você nunca nos deixou, você está sempre presente e, às vezes, eu chego a pasmar pois os seus personagens de ficção parecem dissertados do cotidiano que nós conhecemos.

Mas, que tempo é esse que acaba por se tornar um novelo sem fim? Você tentou explicá-lo, ao seu modo, nos seus romances. Estamos há mais de cinquenta anos de *O Quinze*. Já se disse tudo sobre este romance, dele falaram brasileiros e portugueses,

dele ainda falam hoje os professores de literatura, e sobre ele escrevem os estudantes de nossos cursos de Letras. Já se disse que você foi contida na descrição da paisagem, que você a descreveu apenas necessariamente. Também se aludiu à personagem feminina pela qual você observa todo o drama do Nordeste e todo o seu envolvimento social.

Entre os críticos deste romance o que viu mais longe foi o nosso comum e saudoso amigo Adolfo Casais Monteiro, ao afirmar que por não ser um romance social, *O Quinze* era o mais notável, senão o único verdadeiro romance social brasileiro. Porque, para falar do social, daquele realismo que nos propunha Gorki, não é forçosamente necessário falar de luta de classes, de exploração fundiária, basta, como você o fez magistralmente, na sua juventude, mostrar o irremediável das coisas, a espontaneidade dos próprios fatos. Assim, nessa medida, tão sociais são *João Miguel* e *As Três Marias*, e as suas peças de teatro: *Lampião* e *Beata Maria do Egito*.

Conceição, minha amiga Rachel de Queiroz, está a nos dizer, agora, passado meio século, que Chico Bento, Cordulina, Mocinha, Mãe Nácia, João Marreca e o menino Josias, ainda são figuras espantosamente reais. Tão reais como João Miguel, o cabo Salu, Zé Milagreiro, Filó, Angélica, Santa e Seu Doca. Todos vivendo num ambiente degradado pela instabilidade do clima, pela imensa pobreza, pela multidão de analfabetos e subnutridos, uns fugindo do pavor da seca, outros mergulhados nos seus pequenos mundos, sem esperança de libertação, como João Miguel, levado ao cárcere pelas condições de vida do seu meio, pois não conhecera outras. Não há que procurar em *João Miguel* se a trama é mais densamente desenvolvida, se se trata de melhor romance que o primeiro. O que importa é que as situações são as mesmas, no campo ou na cidade.

Disse: meio século passado. Lembro-me da figura de Cordulina chorando pelo menino Josias sepultado numa cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados. Como você escreveu:

“Não tinha mais que chorar de fome, estrada afóra. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para depois cair no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz”.

É doloroso, cara amiga, constatar que passados mais de cinquenta anos perdurem ainda, no Nordeste, situações semelhantes. Há menos de um mês cem mulheres invadiram, famintas, a cidade de Canindé, e saquearam mercearias atrás de farinha, rapadura e

feijão para sobreviver. Há menos de um mês o governador do Rio Grande do Norte, pateticamente, dizia, em rede de televisão, que o seu povo não tinha água para beber. O que houve, depois de tantos projetos grandiosos e decantados ufanismos?

É certo que o Brasil cresceu e se industrializou nesse meio século. Cresceu exatamente 21% contra 5,8% dos países europeus. Mas o Nordeste permaneceu com as mesmas estruturas e a desgraça das secas periódicas. Alias, se houve algum milagre, foi o de um país capitalista conseguir se industrializar sem promover a reforma agrária. O que se observou então, no nosso Nordeste, foi o previsível: a decomposição do latifúndio promovendo levas de camponeses para o Sul do País, pressionando, desta maneira, os salários para baixo. Agora trata-se de promover a reforma agrária, e não é sem tempo, e chega até a ser curioso um ministro falar que há preconceito em se tocar no assunto.

Esperemos por dias melhores, pois também por eles aguardou João Miguel. Gostaria, agora, de voltar, minha amiga, ao tema da emancipação feminina que constitui a linha mestra da sua obra de ficção.

Essa linha, que se inicia em *O Quinze*, percorre *Caminho de Pedras*, adensa-se em *As Três Marias*, alcança o seu remate em *Dôra*, *Doralina*. Essa mesma linha de independência é coerente com o desdobramento da sua obra, amiga Rachel, que de crônica rural, passa à crônica urbana, e tem o seu fecho no seu último romance que constitui uma espécie de desenvolvimento dos anteriores. Seria *Dôra*, *Doralina* um ponto de chegada ou, quem sabe, o início de um novo ciclo romanesco?

A Conceição dos anos 29 e 30 lê Max Nordau e Renan, e naturalmente também leu os socialistas utópicos. As idéias da moinha de então causam estranheza à avó, pois lhe parecem absurdas, hoje seriam consideradas exóticas. Conceição está habituada a ter idéias e preconceitos próprios. Conceição transcende à pequenez do meio interiorano e por isso mesmo seu pretense romance com Vicente esboroa-se, porque Vicente, preso às limitações do seu meio, jamais entenderá a sua amiga. Seis anos depois, Noemi faz parte de um grupo de militantes socialistas. O seu drama pessoal é resolvido sem nenhuma tragédia e Noemi segue em companhia de Roberto que conheceu e amara. Rompe fronteiras e convenções, que se tornam mais duras num pequeno grupo em que convivem operários e pequenos funcionários. Três anos depois de *Caminho de Pedras*, você nos conta a história de três amigas que foram companheiras de adolescência no internato, num romance autobiográfico em que sobressai, inesquecível, a figura de Maria Augusta, a Guta, na sua rebeldia contra o estabelecido.

É surpreendente certa coincidência entre *As Três Marias* e *Dôra, Doralina*. Maria Augusta, no final do romance, volta para o sertão, para casa. Dora também volta para casa e para a fazenda Soledade. Ambas sentiram a solidão e o peso das dores do mundo. Ambas seriam recebidas de braços abertos pelo seu povo, porque como você escreveu e eu já referi no início desta fala, um tempo emenda com outro e os anos de separação acabam por ser esquecidos.

Há uma coerência de vida, uma coerência de ser e estar no mundo nas suas estórias, minha amiga, uma coerência com o seu modo de pensar e ver os outros, uma coerência que talvez seja o que há de mais significativo nos romances e nas crônicas. Poderia dizer que também naqueles há uma singular maneira de narrar e contar os fatos. E em tudo o que você escreve, encontra-se sempre uma coerência de expressão e conteúdo.

Você, amiga, soube construir figuras inesquecíveis. Quem leu seu último romance jamais esquecerá a figura de Senhora, a sua ambigüidade e a consciência do seu poder, como também não esquecerá as figuras de “seu” Brandini e de toda a sua companhia, e muito menos, a do Comandante, e a de Xavinha, moça velha, olho azul de anil lavado, costurando na velha máquina New Home. Também não esquecerá algumas das figuras reais que você tornou eternas em suas crônicas, como as da Irmã Simas, a “Ma-Soeur”, a de Dona Ana Triste Araripe, a do profeta das chuvas Roque Macedo, a do amolador de facas Veridiano, e a memorável crônica sobre o suplício dos dois operários ítalo-americanos Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti.

Porque, minha amiga, você fala de coisas que nos tocam, que nos sensibilizam. Você tornou universal um drama que até hoje não foi resolvido e que se constitui na maior contradição deste imenso país. Você também escreve gostosamente para o seu povo, sua fala é de nordestina, e cheira a rapadura, a canjica, a alfenin, a bolo de macacheira, a pirão de leite. Seus heróis são gente anônima e simples do povo. Têm nomes sim, pois você os batizou, mas eles, a cada passo, estão diante de nós.

Neste momento, em que a Universidade Federal do Ceará lhe concede a sua mais alta honraria, o grau de Doutor, minha amiga Rachel de Queiroz, deixe-me dizer-lhe uma coisa, a você que já nos representou nas Nações Unidas e é representante da nossa intelectualidade no Conselho Federal de Cultura, talvez a contestar as últimas linhas que escreveu em *As Três Marias*:

“E nem sei quanto tempo hei de ficar ainda, sozinha e desamparada brilhando na escuridão, até que minha luz se apague”.

É que, neste momento, minha amiga Rachel de Queiroz, você não está sozinha, apesar de estarmos todos aqui, autoridades, professores, estudantes, seus familiares, admiradores e amigos, você tem ainda a companhia dos seus personagens, e sei que eles, neste momento, bateriam palmas como nós, porque você sempre falou por eles, com ternura e emoção, denunciando quando era preciso denunciar, clamando quando muitos comodamente se calavam.

Certamente a Mãe Nácia bateria palmas, e convocaria para uma ciranda Senhora, Delmiro, Xavinha, Dona Loura, o Comandante, Angélica, Santinha, João Miguel, Salu, Seu Doca, Filó, Roberto, Noemi, Chico Bento, Cordulina, Mocinha, Maria José, Maria da Glória, Maria Augusta, Isaac, e todos num gesto de solidariedade e amor louvariam você que lhes deu força e luz. Uma luz que dificilmente se apagará, minha querida amiga.